



DERROCAMENTO D'UMA MONTANHA, PROXIMO DE PFAEPPERS, NA SUISSA.

JUNHO, 19, 1858.

VOL. II. — 1.ª SERIE.  
C. M. L.  
GABINETE  
DE ESTUDOS  
OLISIPONENSES

## DERROCAMENTO D'UMA MONTANHA, PROXIMO DE PFAEFFERS, NA SUISSA.

Em Agosto de 1856 espalhou-se a noticia de que os famosos banhos thermaes de Pfaeffers, no cantão de S. Gall, na Suissa, estavam ameaçados d'um derrocamento de montanha; mas em breve se soube que em vez d'aquelle estabelecimento, era o povo de Pfaeffers que corria tão eminente perigo. Havia muito tempo, descobriram-se sobre a crista do Calanda, a 1400 pés de altura, varias fendas de grande extensão longitudinal, mas só d'um pé de largura. Depois foram aquellas gretas alargando-se notavelmente, sendo já a sua profundidade de 400 pés, tendo-se nos ultimos mezes desprendido tambem alguns troços de roca que foram parar ao valle. Mais tarde alguma força vulcanica arrojou d'aquellas rachas pedregulhos que foram rolando pela falda da montanha com tal precipitação que venceram todos os obstaculos que encontraram na sua carreira. Passados poucos dias, uma enorme mole penhascosa veiu abaixo com aterrador estrondo, levando em seu curso as arvores mais robustas.

A 5 de Junho, dia summamente enevoadado, e em que soprava rijo vento do sul, ouviu-se ás nove horas da noite no valle um rumor surdo ao principio, mas atoador d'ahi a pouco; como se jogasse uma bateria de peças de grosso calibre, percebendo-se ao mesmo tempo uma densa nuvem de poeira, que com impetuosa velocidade descia da montanha, deixando atraz de si um largo rasto de destruição. Desde então apenas se passava uma hora sem que do cume se soltassem grandes troços de terra e pedras, mais ou menos volumosos. A casa de banhos não correu perigo, ainda que não seria a primeira vez que lhe teria cabido a sorte de ficar sepultada, por effeito do derrocamento da montanha. Em 1680 desapareceram os banhos em consequencia d'uma similhante catastrophe, a ponto de passarem vinte annos sem que se podesse tornar a encontrar o precioso manancial. Ignora-se a data do primitivo descobrimento d'este. Sabe-se unicamente que em 1382 o abbade do visinho mosteiro de benedictinos, dono da fonte thermal, deu de renda o estabelecimento de banhos por espaço de dez annos.

## QUEM O ALHEIO VESTE, NA PRAÇA O DESPE.

Continuação.

III

No dia seguinte, João d'Amores, sentado no centro de sua familia, narrava-lhe assim:

— Sabeis, disse elle, que no inverno de 1417 parti para pilotar um navio mercante que se dirigia a Inglaterra. Tinhamos chegado ali com o favor de Deus, quando uma tarde, pela volta das Trindades, estando eu no molhe de Bristol,

pensando em vós todas, e sonhando na hora em que vos tornaria a ver, fui abordado por um mancebo inglez, que sem preambulos me disse:

— Chamaes-vos João de Amores, e sois piloto?

— Verdade que sim, meu cavalheiro.

— Fallaram-me da vossa experiencia, e exaltaram-me o vosso merecimento. Quereis conduzir a Cadiz um navio que fretei?

— Se o quero. Cadiz fica no oceano Atlantico, e d'ahi á minha patria, que é o Algarve, curta será a viagem.

— Então aprestae-vos para partirmos.

— Quando?

— Esta noite mesmo.

— Porém o mar está encapellado, e o vento é contrario!

— Embora; urgem os meus negocios que eu parta immediatamente d'Inglaterra. Acompanhae-me, que vos recompensarei largamente: farei a vossa fortuna.

«A idéa de voltar á patria com meios sufficientes para a minha familia, e talvez com a fortuna de não precisar mais de embarcar, nem separar-me de vós, pois que o negocio, pela precipitação se me tornava suspeito, e d'ahi o motivo porque me lisonjeava com a esperanza de uma boa paga, aguçou-me a cubiça, e decidiu-me.

«Acompanhei o mancebo n'um escaler a bordo do seu navio, que já estava a largar velas. Apenas atracámos o escaler foi içado nos turcos, e velejámos. O vento era sudoeste, e variava successivamente. Navegámos á bolina, mas em breve fomos obrigados a arriar as velas latinas, e a eorrer com o pequeno velaxo, e a vela de estay. Abandonámos a derrota para fugir ao tempo, sem direcção determinada. O temporal continuou no dia seguinte, e privou-nos do mastro da mezena.

«Não posso descrever-vos o horror da nossa situação: ha bem annos que conheço o mar, e nunca vi temporal tão desfeito, nem maiores precipicios cavados em roda da embarcação. Não conhecia a altura em que navegavamos. Treze dias, os mais compridos que encontrei na minha vida, afora esses que passei no captivo, vogando ao acaso, nas solidões do oceano, aterraram-me a alma com o pensamento de nunca mais vos tornar a abraçar. Tinhamo-nos deitado ao decimo terceiro dia, anciosos pela sorte do seguinte, e confiados somente na misericordia de Deus, quando com a aurora do decimo quarto, o gageiro nos bradou — terra, lá de cima do cesto da gavea. Uma alma nova, nova alegria se apossou de todos. Oh! como descrever-te, mulher, todas essas esperanças de salvação de vida, e expectativa de regresso á patria, que n'esses momentos supremos dão rebate ao coração do marinheiro, quando ate ahí jazia aniquilado?!

«Avistámos uma terra, inteiramente desconhecida para nós todos, mas tão florida e vicejante

que era enlevo de olhos. A proporção que nos aproximavamos mais risonha nos apparecia aquella região. Era um paraíso que surgia do meio das ondas! Nunca até ahí gosara eu mais formoso, nem mais desejado espectáculo. Bastos arvoredos seculares promettiam amena frescura a nós que a abordavamos pobres e fatigados nautas; e como a convidar-nos ao desembarque vinham desconhecidos passaros, de lindas pennas e variadas côres, poisar destemidamente nas vergas, como cúriosos de ver gente estranha, e descuidosos do mal que o homem lhes podia causar!

«Atracámos n'uma espaçosa bahia, por cujas praias as ondas mollemente se espreguiçavam, como se buscassem gosar voluptuosamente os encantos d'aquella terra abençoada. A tempestade tinha serenado. Admirámo-nos ao saltar em terra de enconral-a deshabitada! Nenhum indício, nem o mais pequeno vestigio de que a mão do homem ahí houvesse laborado! Não criamos o testemunho dos proprios olhos; julgavamo-nos ainda sonhando, e receiavamos o acordar; para não recair no desengano de que ainda vogavamos no meio de um temporal desfeito! A realidade é, porém, que pisavamos terra—terra deshabitada, e cujos animaes também estranhos e desconhecidos para nós, saiam dos bosques a mirar-nos, mal suppondo que dentro em pouco lhes disputariamos as suas guaridas, e até a vida, para sustento proprio!

«Ainda vos não disse como se chamava o mancebo, que me abordou em Bristol, e era o nosso capitão. Machim era seu nome. Pobre mancebo! Ainda hoje que são decorridos tres annos, me não recordo d'elle, sem que uma lagrima de enternecimento me assome aos olhos, e deslise pela face! Tanta mocidade e tanto vigor aniquilados, n'um momento, em terra estranha, sem orações de parentes, sem piedosa mão de amigo a cerrar-lhe as palpebras! Que digo?... Perdoa, Maria, esta emoção... Machim, esquivando-se a este mundo egoista e ingrato, não morreu com tudo desamparado de amigos! Fugindo em Inglaterra aos seus eguaes, achou na alma rude dos marinheiros a dedicação que a confraternidade do perigo cria n'estes homens de coração sincero. Foi uma triste pagina aquella do seu amor; porém uma pagina eloquente, e digna de perpetuar-se na memoria dos homens!

Amara, não com esse sentimento vulgar com que os homens se atrevem a profanar o culto mais puro do coração; mas com esse amor, que sendo emanação divina, nasce com as naturezas privilegiadas, e só com ellas se extingue. Contrariedades de familia, preconceitos da sociedade pretendiam levantar insuperavel barreira entre elle e Anna d'Arfet. Baldado empenho, quando o amor era tamanho, e immenso! Os parentes d'ella, sem lhe attenderem aos votos do coração formados na infancia, apresentaram-na como victima ante o altar do hymeneu, e obri-

garam-na ao sacrificio de toda a sua vida com um homem que ella não podia estimar. Haviam-lhe assim ensinado a mentir ao mundo, fazendo-lhe proferir palavras sacrilegas de fidelidade, quando o coração estava longe de as poder cumprir; e a lição aproveitou, porque Anna d'Arfet mentiu ao mundo, illudindo a fejurada, trahindo os deveres contrahidos, e fugindo com o amante.

«Este era o segredo do mancebo, que desejava transportar-se a Cadiz com a raptada, e d'ahi seguir por Hespanha, vivendo isolados, e só felizes na ventura um do outro. O destino determinara, porém, de outra forma; e já sabeis como nos levou aquella deserta ilha. Este segredo, porém, ninguem tinha aventado a bordo; e não foi pequeno o nosso pasmo, quando na ilha vimos desembarcar Anna d'Arfet, que durante a viagem se conservara sempre encerrada no seu camarote.

«Pobre mulher! vinha pallida e doente! As rosas tinham-se-lhe murchado no rosto, como se o halito das paixões e dos preconceitos lh'as houvesse crestado! Quem pode decifrar hoje a lucta que se travou dentro do seu peito entre o dever e o amor! Ella, que a sentiu, e a sustentou, não a pode já descrever, porque uma pouca de terra cobre n'aquella ilha os restos que o corpo deixa n'este mundo; e elle, elle que tanto a amou, e que por ella largou fortuna e patria, sentindo esvair-se-lhe a vida com a d'aquella que o animava, lá jaz a seu lado, repositando na mesma cova, sem nos poder dizer que palavras affectuosas empregou para lhe banir d'alma tão supersticiosos terrores!

«Dura expiação, cruel sacrificio! Anna d'Arfet succumbiu primeiro, e Machim não tardou em seguir-a poucos dias depois, victima do remorso, e opprimido pela saudade.

«Prestados os derradeiros serviços aos infelizes amantes, fizemo-nos de vela. Uma espantosa tempestade nos arremecera aquella ilha; outra não menos temerosa nos afastou d'ali, arrojando-nos ás costas d'Africa. Metade da tripulação afogou-se; e o resto, vogando ao acaso sobre os destroços do despedaçado navio, foi aprisionado dos moiros, que nos esperavam na praia. Aos martyrios do captiveiro fui o unico que sobrevivi! Ha ainda seis dias que eu era escravo dos infieis; mas cansado de tão miseravel sorte, com o coração saudoso da patria e da familia, revolvendo na mente um grandioso projecto que honrara Portugal, tentei libertar-me a todo o custo, e atravessei o mar n'uma fragil embarcação que ás escondidas consegui construir.»

Assim terminou João d'Amores a sua narração, que espantou, pelo miraculoso, a toda a sua familia; promettendo-lhe dar conta depois d'esse grandioso projecto, que concebera no captiveiro e vinha resolvido a cumprir.

Continua.

## D. JOÃO DE CASTRO HISTORIADOR.

*Relação do cerco de Diu, e da batalha ganha por D. João de Castro contra o exercito do rei de Cambaya extrahida de uma carta inedita de D. João de Castro a el-rei D. João III, escripta em Diu aos 16 de Dezembro de 1546.*

## Continuação.

Entrados D. Alvaro, e D. Francisco na fortaleza retirarão os mouros a sua artilharia e fizerão a mostra de querer levantar o campo, pelo que se amotinarão todos os lascarins requerendo a D. João que saísse a dar nas estancias, e não o querendo fazer, por conselho de D. Francisco e de outras pessoas que entendião bem a guerra, lhe fizerão tamanhas affrontas, que o obrigarão, em que lhe pezasse, a sahir fora, e dando nos seus baluartes, e muralhas, D. Alvaro e D. Francisco passarão além com obra de quinze homens entre os quais herão, Luiz de Mello, e Jorge de Mendonça, filhos de Antonio de Mendonça, D. Duarte Pereira filho do conde da Feira, Pero Lopes de Souza filho de Antonio Lopes da Costa, D. Jorge de Menezes filho bastardo de D. Jorge de Menezes, o qual dizem que entrou primeiro de que todos, Francisco Guilherme, João Pires de Chaul, e sendo passados além, arrancando os mouros das suas estancias, e levando-os todos de vencida, quiz o peccado que os nossos lascarins, sem nenhuma causa fugissem, e deixassem seus capitães no campo, pelo que tornando os mouros, matarão a D. Francisco que foy uma grande perda, porque hera hum dos gentis cavalheiros que se podia achar em nosso tempo, e as suas partes e virtudes herão tamanhas que muy raramente vêmos que as ajunte a natureza em huma só pessoa. D. Alvaro ficou no campo além das suas muralhas com cinco ou seis pessoas, aonde o ajudou muito Jorge de Mendonça, e Luiz de Mello, filhos de Antonio de Mendonça, e Pero Lopes de Souza, e muito espaço de tempo se defenderão de toda a gente dos mouros.

Neste comenos disserão a D. João, como D. Alvaro ficava perdido; pelo que tornou logo com alguma gente para o favorecer: com esta tornada affrouxarão algum tanto os mouros, de maneira que aprouve a Deus Nosso Senhor de o salvar, fora de toda a razão e opinião, e crendo os que isto virão da fortaleza que fôra milagre muy evidente.

D. Alvaro trouxe a cabeça muy mal aviada, de grandes golpes que lhe derão sobre o capacete, ao subir das muralhas, e as armas muy passadas de settas, e espingardas; affirmão todos que se nesse dia não fugissem os lascarins, que houverão os nossos comprida victoria; eu creio fôra levantado em grande honra e fama dos portuguezes; isto assim feito cobrarão os mouros animo e tornarão a assentar a sua artilharia

e cercar de novo a fortaleza; pelo que D. João e D. Alvaro me mandarão logo fazer saber os acontecimentos passados e os trabalhos que tinham presentes pedindo-me soccorro de gente e munições; pelo que em espaço de dez dias lancei sete caravellas ao mar, e as armei e preparei de cousas necessarias, e nellas embarquei trezentos e cincoenta lascarins, e duzentos pedreiros e cavoqueiros e grande quantidade de munições, e as mandei caminho de Dio dentro nestes dez dias. Os capitães destas caravellas são: Antonio Corrêa, Cosme de Paiva, Jorge de Souza, Payo Rodrigues de Araujo, Tristão de Paiva, Gomes Vidal, Antonio Madeira mestre de obras que levou os pedreiros, e cavoqueiros. De todas estas caravellas a que primeiró chegou a Dio foi a de Jorge de Souza, e a segunda, de Pero Rodrigues, a qual no caminho tomou uma nau de Coge Çofar que vinha do Estreito com hum seu parente por capitão, o qual fôra fazer gente ao Cairo, e como chegou a Dio com ella, mandou D. Alvaro cortar a cabeça ao capitão e a todos os turcos que nella vinhão, e a mercadoria que vinha na nau, mandou-a a Goa entregar ao vedor da fazenda.

A chegada destas caravellas poz grande esforço aos nossos, e quebrantou muito os mouros, porque os capitães dellas herão homens muito honrados e levavão muita e boa gente. E como D. Alvaro lhe pareceu que a fortaleza tinha gente em abastança para sua defensão, mandou certas fustas e catures da armada ao longo da costa, e tomarão muitas naus de presa que vinhão do Estreito, das quais posto que se furtasse muito se tirou muito proveito dellas para V. A., com todo esse soccorro que mandei á fortaleza de Dio, não deixarão os mouros de levar sua porfia adiante e de combater muitas vezes a fortaleza, com que acabarão de derribar os pedaços de muro e baluarte que ficarão.

Dissera particularmente a V. A. como se houve D. João Mascarenhas em todos estes trabalhos, mas seria nunca acabar, porque nas peijas se mostrava grande soldado, e na maneira de guerrear grande capitão, e no cuidado e agasalho de sua gente muy virtuoso, de maneira que seus serviços e merecimentos com nenhuma sufficiencia se acabarão de louvar.

Dentro deste tempo fuy avisado que por toda a enseada andavão muitos capitães de fustas e catures, dos que mandei de Goa com D. Alvaro meu filho roubando cotias, e fazendo muitas cousas mal feitas, e contra serviço de V. A. sem quererem entrar na fortaleza de Dio, e porque herão muytos e trazião muita gente, parecia-me cousa importante mandar lá huma pessoa sufficiente de muito sizo e experiencia e saber, com grandes poderes para os ajuntar, e ou por força ou por sua vontade, os levar todos á fortaleza; e por Vasco da Cunha haver todas estas qualidades o escolhi para isso, e o mandei de Goa a sete de Setembro, e com elle Simão Martins boticario mór com muitas mezinhas, e cou-

sas de botica para curar os doentes, e frey Paulo Guardião de S. Francisco por ser homem muito virtuoso, e de grande autoridade, e bem quisto geralmente de todos os homens, afim de envergonhar a todos os reveis que não querião entrar na fortaleza.

Chegando Vasco da Cunha a Chaul e Baçaim, e outros logares da enseada obrou tanto com o seu bom sizo e diligencia, e muitos poderes que de mim levava que houve de levar adiante de sy todos estes descuidados de suas honras e serviço de V. A., posto que com grande trabalho seu: entrou com elles em Dio a vinte e sete de Setembro que foi muito grande ajuda aos cercados e começou logo a trabalhar e a servir a V. A. como muy honrado homem que é.

Tanto que tive despedido Vasco da Cunha comecei a entender em me fazer prestes com toda a gente e armada que me fosse possível; e supposto que sobre a minha partida houve muitas opiniões, dizendo que me não devia abalar sem todas as naus, falcões, e vasos que houvesse na India e sem esperar toda a gente do reino, e a de Coromandel, eu entendi o contrario, e me pareceu que com a maior diligencia do mundo que devia de embarcar em fustas e hir por-me na fortaleza de Baçaim, e ahi ajuntar toda a gente e armada, que podesse, e junto hir dar a batalha aos capitães de El-Rey de Cambaya: as razões que tive para isto são estas.

Em todos os Reis e senhores da India herão lançados embaixadores de El-Rey de Cambaya fazendo saber a todos que tinha tomado a fortaleza de Dio, persuadindo-os a se levantarem todos e me fazerem guerra, dizendo-lhe o quam pouco trabalho seria tomar cada um as nossas fortalezas que havia em suas terras pois nos elle tinha tomado a mais forte de todas, e morta tanta e tão boa gente, promettendo ajudas, e dinheiro para isso, e já em todas as costas e cidades dos mouros se fazião grandes festas e alegrias e davão muitas alviças pela boa nova, e com isso hera posto tamanho alvoroço em todo o povo dos mouros e gentios que faltava pouco para fazer um levantamento universal que se não podia amansar com outra cousa, salvo com tomar conclusão com grande presteza no descurar da fortaleza de Dio; pelo que me não cumpria esperar e gastar tempo posto que a dilação me acrescentasse gente e armada; mayormente sendo já avisado que de Coromandel me não acudia ninguem, e a de Cochim se me fôra toda para Malaca, Peleacate, e outras partes por omisão e mau cuidado do capitão.

As naus do reino tardarão tanto que se tinha já por muito averiguado haverem de invernar em Moçambique, de maneira que me não ficava outra gente em que escorar, salvo a que se achasse nas fortalezas que se estendem desde Cananor até Baçaim, a qual nunca se acabava de ajuntar em Goa, e ajuntada fôra muito má de arrancar: tantas são as delicias e passatempos desta terra!

E sabendo os homens que eu estava em Baçaim era causa de envergonharem e acabarem de arrancar mais cedo de suas casas; e o tempo que em Baçaim houvesse de esperar por ella, e acabar de fazer e ordenar minha armada atormentava toda a Cambaya, e guerreava a enseada, e tolhia os mantimentos ao campo dos mouros; pelo que me determinei e parti de Goa, a cinco de Setembro com vinte cinco fustas e catures, e tres galiões; nas quais fustas vinhão muitos casados e moradores de Goa por capitães e as suas proprias custas e despezas: a saber; Antonio Ferrão juiz da alfandega de Goa, Simão da Cunha, Diogo Gentil, João Juzarte, Jorge Cardim e Antonio Martins, e em poucos dias cheguei ao logar de Baçaim; estrondeou tanto a minha vinda que por toda a parte da costa de Cambaya se começarão logo a recear.

Tanto que cheguei despedi logo D. Manuel de Lima para a enseada com algumas fustas e catures para tolher os mantimentos que por mar se levavão ao campo dos mouros; o que elle fez com tamanha diligencia e bom cuidado que em breve espaço tomou passante de trinta navios carregados de muita sorte de mantimentos passando toda a gente delles a espada como levava por regimento meu; e acabado o tempo que eu tinha ordenado se veio ter comigo a Baçaim e entrou pelo porto com as vergas das suas fustas cheias de enforcados o que poz grande espanto e terror nos mouros; isto assim feito comecei a entender no preparamento da minha gente e armada, e já cada dia entravão muitas naus, fustas, catures, e lascarins de Goa e de todas as fortalezas da India me acudirão de maneira que a vinte e quatro de Outubro, tinha já obra de sessenta cinco fustas e catures e doze galiões, e obra de mil e quatrocentos homens.

Pelo que parecendo-me que me não podia acudir mais gente, e armada, antes fazendo demora me fugiria muita gente da que tinha, me fiz prestes a partir de Baçaim a vinte seis de Outubro, e fui surgir na ilha das Vaccas, do qual logar de Baçaim, se embarcarão muitos homens fidalgos: a saber Alvaro da Gama, filho de Antonio de Sequeira, monteiro da raynha nossa senhora, o qual veio a sua custa com um galião, e uma fusta, e trouxe muita gente e muy bem ataviada; D. Diogo de Noronha, filho de D. Francisco de Noronha em huma fusta, e hum Henrique de Sousa que cá andava ha muitos annos servindo a V. A., e assim Nuno Fernandes Pegado em uma fusta, Simão Gallego em outra, e Antonio de Sá Pereira em huma galeota; e porque era necessario hir tomar a ilha dos Mouros, assim para fazer aguada como para ajuntar toda a armada, que no atravessar do golfo, de necessidade se havia de perder de mim, por caso das grandes correntes; mandei diante a D. Manuel de Lima com vinte fustas para correr toda a enseada, e queimar e talhar toda a costa de mar no que mostrou bem toda a sua cavallaria e diligencia, porque fez a mayor des-

truição na costa que nunca jamais foi visto nem esperado, destruindo todos os lugares que estão de Damão até Baroche sem ficar delles memoria, e toda a gente que tomou foi feita em postas sem perdoar a nenhuma cousa viva: queimou obra de vinte naus, e cincoenta cotias, de maneira que toda a costa de Cambaya hera huma labereda e viva chamma, e as praças se vião cheias de mortos o que em toda a Cambaya encheu de grande espanto e terror; e ao tempo que levava em meu regimento se foi com sua armada ajuntar comigo á ilha dos Mouros aonde eu já tinha recolhida toda a minha armada; e o proprio dia que chegou me fiz á vela e fui surgir á vista da fortaleza de Dio; o que deu grande alegria aos nossos, e poz grande tristeza aos mouros, e logo a noite seguinte veio ter comigo Lourenço Pires de Tavora capitão mor das naus de carreira, o qual tanto que chegou a Cochim soube o grande trabalho em que Dio estava, como encaminhava para lá se mettu em humatur, e com a mayor diligencia que nunca se vio, veio em minha busca para participar de tamanho perigo e servir a V. A. em tão importante jornada: em grande extremo me fez ledo a sua chegada pelo muito que esperava de me aproveitar do seu conselho e esforço, como se vio ao diante.

Continua.

### AS TURQUEZAS.

São pedras preciosas de azul opaco.

Chamam-se assim por ser a sua côr mui favorita dos turcos.

Distinguem-se duas especies:

A turqueza de rocha, ou *calaité*, que se acha em pequenos veios, e se compõe de phosphato de alumina, colorida por oxydo de cobre.

A nova turqueza, ou *odontolite*, que provém dos dentes, ou ossos dos mamiferos sepultados no seio da terra, e accidentalmente coloridos de azul esverdinhado.

Esta speciê é menos dura, e inferiormente apreciavel.

Imita-se a turqueza perfeitamente com esmaltes.

### ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

Continuação

VIII.

De como se tomaram os avisos e socorros que de Castella vinham para o castello.

Em 9 de Abril appareceu junto dos ilheos, que estão defronte do Porto-judeu, uma nau, a qual os officiaes da camara de S. Sebastião mandaram reconhecer por Diogo Alves Machado, em um barco de pescar; e pondo-se por sua

prôa soube vinha de Castella, e n'ella por capitão Manuel do Canto de Castro, por lhe parecer estava a ilha por el-rei Philippe; e sabido o estado d'ella do dito Diogo Alves Machado, com quem fallou, sem que os castelhanos alcançassem o que era, botou ferro no mesmo porto, e logo saiu em terra, e um fradé dominico, que vinha por seu capellão, e alguns soldados mais; ficando os outros a bordo para desembarcarem ao outro dia, sendo por todos vinte e cinco, e desembarcando se acharam enganados, sem já lhes aproveitar.

André Gato Coelho, como dito Diogo Alves, vieram logo dar aviso aos capitães maiores, trazendo consigo ao fradé dominico, o que alegrou muito a cidade, por Deus lhe fazer mercê de lh'os entregar em suas mãos. Manuel do Canto de Castro, com os soldados que com elle desembarcaram, veiu atraz, e chegando com elles a sua casa ás ave marias, aonde foi visitado de todos os parentes e amigos, como era razão, deu conta aos capitães maiores, de como em sua conserva vinham mais duas fragatas, de que havia dois dias (por causa dos tempos) se apartara; que as mandassem vigiar; e que em Sevilha ou Corunha se ficavam preparando trezentos homens, para virem com corregedor portuguez em uma formosa nau, e elle com enganos que aos castelhanos fizera se viera diante, só por dar aviso; e que estimava achar a ilha n'aquelle estado, e que houvesse vigia que a nau não podia tardar, de que vinha por capitão um irmão do governador D. Alvaro de Viveiros. Ao outro dia, que foram 10 do mez, foi o capitão maior Francisco de Ornellas da Camara ao Porto-judeu, e com dissimulação e recado do capitão Manuel do Canto de Castro, desembarcaram os castelhanos em terra, onde se acharam prisioneiros. Ena nau, que era ingleza, se metteram soldados portuguezes, e por capitão a Francisco de Carvalhal, fidalgo da casa de sua magestade, filho de Estevam da Silveira, que no castello estava preso, como fica dito, para esperarem as ditas fragatas.

Logo em 17 do dito, appareceram fronteiras ao porto da cidade duas velas sem a nossa nau dar fé d'ellas, por ir na volta da praia. E vendo os nossos, que vinham buscar o porto do castello, se inquietaram, e houve grande revolta na cidade, por verem que um barco, que o capitão maior tinha mandado a reconhecê-las, se voltava sem chegar a ellas, do que inferiam serem as fragatas que se esperavam, e que entrando no castello seria logo a cidade destruida. E quanto mais as viam chegar mais alaridos e gritos faziam, obrigado dos quaes (pelos aquietar) o famoso portuguez e esforçado capitão Roque de Figueredo, sargento maior que tinha sido na jurisdição da Villa da Praia, se resolveu em sair a uma que direita ao castello pela banda do porto via vir; e logo com alguns soldados, que de valentes se presavam, e o quizeram acompanhar, se mettu em um barco de que os capitães mores o fizeram capitão, e se fez ao mar a bus-

car a fragata : e á sua imitação foi por capitão de outro barco, que sempre foi mais atraz, em busca da nossa nau, como a dar-lhe aviso, Matheus de Tavora. O capitão Roque de Figueredo perpassando pelo nosso barco, que da fragata vinha fugindo, perguntou-lhe que era o que acharam, se tiveram falla della ; ao que responderam, que eram castelhanos, e que por elles não queregem chegar a bordo os serviram de mosqueteria ; ao que elle respondeu : *Pois, irmãos, vamos a ella, e ao menos se não a rendermos, estorvar-lhe-hemos a entrada no castello, e entretanto quererá Deus a nossa nau de fé d'ellas.* Mas elles tiveram por melhor vir-se para terra, e o bom e animoso capitão foi seguindo sua derrota, deliberado a, quando mais não podesse, porque ella não entrasse no castello, abalroal-a e entrar-lhe no convez com os seus soldados, e ou rendel-a ou morrer.

Mas, como Deus pelejava por nós, viu o dito capitão virar a nossa nau sobre as fragatas, no que entendeu dera fé d'ellas, como assim foi, e elle se foi fazendo mais á parte da nau, com tenção de com os soldados que levava saltarem n'ella, e o capitão os não quiz receber, no que fez como prudente e experimentado, porque estavam perto da fragata, e conhecia a nau, que era a sua, de quem se tinha apartado, e vendo-lhe accetar barco de terra, que d'ella tinha fugido, entenderia estar tomada, e não se fiaria d'ella. E assim a nau foi para a fragata, e a fragata para ella, e o barco afastando-se da nau se foi chegando para a fragata, e logo que chegaram á falla a nau a mandou amainar da parte d'el-rei de Portugal D. João o IV, nosso senhor, que Deus guarde, e pelo não querer fazer, e se foi em fugida, lhe atirou uma peça, que foi tão bem afortunada, que levou um braço a um que ia governando o leme, e dando pelo convez as coxas a outro, de que em terra morreu. E logo o esforçado e animoso capitão Roque de Figueredo abalroou com o seu barco, e com a espada na mão, e a rodella na outra, saltou no convez, e lhe disse que da parte d'el-rei D. João se rendessem, senão que nenhum ficaria com vida ; e elles baquearam logo as armas, e o capitão d'ella lhe entregou as chaves dos payoes e mais dispensas, e assim ficou senhor e capitão da fragata.

A outra fragata, que pela outra banda do castello o veiu buscar, onde se chama o Zimbreiro, não deu fé por ficar encoberta com o castello, e nem botou gente n'elle porque Affonso Gomes Peres, que nas eiras de André Fernandes da Fonseca, d'aquella banda do Zimbreiro, tinha feito um reducto em que com homens pagos á sua custa servia a sua magestade ; serviu-a de tal modo com a artilharia, que a fez fazer na volta do mar, onde descobriu a fragata e nau juntas, e se veiu para ellas, e a nau e fragata de tal modo foram andando que lhe deram logar pelo meio, e logo a mandaram amainar da parte d'el-rei D. João IV, que Deus guar-

de. E vendo não havia outro remedio, o fizeram sem contradicção nem disparar mosquete. E d'ella ficou logo por capitão Matheus de Tavora, que no outro barco tinha vindo, em que ainda estava, que o barco em que veiu o capitão Roque de Figueredo era já ido para terra, com os castelhanos da sua fragata, que elle logo fez embarcar. E assim ficaram estas tres embarcações andando de armada, e por seu capitão maior o mesmo Francisco de Carvalhal, que as rendeu, o que não foi de pequena pena aos castelhanos ver, á vista dos seus olhos, tomado o seu socorro.

IX.

De como os capitães maiores mandaram pelas mais ilhas estender a voz de sua magestade.

Logo mandaram os capitães maiores a Vital de Bettencourt, fidalgo da casa de sua magestade, ás ilhas debaixo, com precatório ás camaras e capitães maiores, para acclamarem a sua magestade, e cartas para lhes acudirem com socorros, conforme suas possibilidades, e a occasião o pedia ; e fez tão bom negocio, que acclamou a sua magestade na ilha do Faial, Pico, e San-Jorge, e d'ali, por vir com mais brevidade com o socorro de munições e polvora que trazia, mandou á Graciosa a Constantino Pais Sarmiento, para acclamar a voz do dito senhor.

A' ilha de San-Miguel mandaram por duas vezes. A primeira foi o padre Antonio Mendes de Vasconcellos, que nada pôde effectuar, por fazer o conde com os da camara, e mais capitães, e nobreza da ilha, que lhe não estava bem, nem era autoriso seu, fazerem-no sem carta de sua magestade, que cada dia esperava, em resposta das que tinha mandado. E assim se tornou com alguma polvora e munições que por amizade, com consentimento do conde, se lhe deu. O segundo aviso levou-o o padre Agostinho Paim, a quem deram a mesma resposta. Mas não tardou muito que não chegassem em uma caravela cartas para o conde, camara, e juiz de fora cuja copia se segue.

*Carta d'el-rei nosso senhor para o conde D. Rodrigo da Camara.*

Conde amigo. Eu el-rei vos mando muito saudar como áquelle que amo. Logo que Deus foi servido restituir-me a corôa d'estes meus reinos, que pelos reis de Castella havia sido e estava usurpado, desde o tempo e fallecimento do senhor D. Henrique, meu tio, que santa gloria haja ; sendo appellidado, jurado, e em côrtes obedecido pacificamente por rei, sem duvida alguma ; tratei de reduzir a meu serviço e obediencia essas ilhas Terceiras ; e porque convinha começasse pela fortaleza de S. Philippe, do monte Brazil, por dominar a cidade de Angra, ga-

nhando-a com uma traça que então se offereceu, cujo bom successo consistia no segredo com que se dispunha, suspendi mandar-vos avisar até agora do estado d'estas coisas de minha restituição, tendo por certo de quem sois e vossa pessoa, que a qualquer tempo que vos chegasse aviso e ordem minha, cumpriríeis com vossa obrigação. E porque aquella traça (conforme o que há poucos dias se entendeu) não pôde ter effeito, e é necessario seguir differente caminho, me pareceu não dilatar mais fazer-vos saber por esta carta, que tendes rei legitimo e natural. Encommendamos-vos e mandamos que como tal me acclameis, jureis, e façaes acclamar, e obedecer em essa ilha de San-Miguel, na forma costumada, concorrendo no acto de minha acclamação e juramento os officiaes da camara, nobreza, e povo da cidade, o que mando escrever á camara, e juiz de fora, as cartas que forem com esta, que lhe dareis, e ordenareis o que mais convenha; assegurando-vos de que me hade ser presente o bom procedimento que espero tenhaes n'esta occasião, e nas demais, que ao diante se offerecerem de meu serviço, para folgar de vos fazer mercê e acrescentar vossa casa. Do modo em que houverdes executado esta ordem me dareis logo conta, e providereis o que fôr necessario para a defensa e conservação d'essa ilha, e para ajudar a cobrar a fortaleza da Terceira, do que ahí se pedir, de modo que mais brevemente se consiga, correspondendo-vos com o padre Francisco Cabral, da companhia de Jesus, que envio a este negocio, dirigido á Villa da Praia; e com Francisco de Ornellas, que serve de capitão maior d'ella; e com as mais pessoas que vos parecer que podem obrar no que se pretende; e do que se fôr fazendo me avisareis com toda a particularidade. Escripta em Lisboa a 6 de Abril de 1641. — Rei.

Recebida esta carta, logo o conde a poz em execução, na forma de sua continencia, com applauso e gosto de toda a ilha, que muitos tempos havia clamavam e davam vozes, não em secreto, mas em publico.

Continua.

A reprehensão só pode aproveitar sendo dada por quem fôr irreprehensivel.

#### A UNS ANNOS.

Minha musa pequenina  
 Não me inspires lucto agora,  
 Despe as côres da amargura,  
 Que vaes dar um fraco embora.  
 Da donzella a mais um anno,  
 Esquece um intimo arcano,  
 Que te faz sempre gemer,  
 Não te poises a meu lado  
 Com lembranças do passado,  
 N'este dia de prazer!

Um sorriso esconda o pranto  
 No fundo do coração,  
 Minha musa pequenina  
 Cumpre alegre esta missão.  
 Vae tu dizer á donzella,  
 Vae dizer sómente a ella,  
 Que não deve ter pesar  
 De ver cair mais um anno  
 N'esse profundo oceano  
 Onde tudo vae parar!

Foge-lhe um anno da vida  
 Tem mais um anno a razão,  
 Se a sua idade lhe augmenta  
 Diminue-lhe a illusão!  
 Minha musa pequenina  
 Um voto agora me ensina  
 Mas que não seja banal,  
 Que?... Já sei:

— «Gentil donzella,

«Sempre a vida tenhas bella,  
 «Não conheças nunca o mal!»

1850.

#### AO MEU AMIGO P. M. DA S. C.

Amigo, acceita-me um voto.  
 Intimo voto d'irmão,  
 Mentido o voto não julgues,  
 Que me sae do coração.  
 Deus te fade amena a vida,  
 E da sua benção qu'rida  
 Na terra te cubra Deus!  
 Ceifa as palmas, colhe os louros,  
 Sejam foco de thesouros  
 Meu poeta os versos teus!

1853.

MENDES LEAL (ANTONIO)

Publicou-se o 3.º volume da ENEIDA de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, STAMBUL, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos, *Ninguém julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan — preço 360 réis.

Publicou-se o 2.º volume, nitidamente impresso, da obra — *Os varões illustres do Brasil durante os tempos coloniaes*, por J. M. Pereira da Silva.

Publicou-se a comedia-drama em cinco actos *Os dissipadores*, por Alfredo Hogan. — Preço 400 réis.